

Trebaruna. Deusa da casa e da família na mitologia lusitana. Deusa da guerra e da morte. A esta deusa terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa. Nesta deusa nos inspiramos. Apostamos no melhor da literatura nacional, nos autores por descobrir. Aqueles autores que ficam. Não nos interessa o mercado do *mainstream*, regido pelos *best-sellers*, os livros de rápida rotação e os escaparates comprados a metro. O trabalho com o autor move-nos. E só atendemos às necessidades do leitor exigente. Não seguimos o engenho ruminante que alimenta a indústria do livro. Prestamos culto ao livro.

Trebaruna é o regresso ao essencial.

UMA ANTOLOGIA PORTUGUESA

DESAS/SOSSEGO

Amílcar Monteiro
André Costa Gonçalves
Bárbara Barata
Carla Lourenço Carmona
Carlos Aleluia
Francisco Estevão Rei
Joana Rocha
João Duarte
João Esteves
Lara Almeida
Maria João Graça
Matilde Loureiro
Nuno Gonçalves
Patrícia Lameida
Raquel Fontão
Rita Toscano Corrêa
Rita Cuiça Rafael
Sebastião N. Viana
Tony Tex



Trebaruna

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: DESAS/SOSSEGO

Autores: Amílcar Monteiro, André Costa Gonçalves, Bárbara Barata, Carla Carmona, Carlos Aleluia, Francisco Estevão Rei, Joana Rocha, João Duarte, João Esteves, Lara Almeida, Maria João Graça, Matilde Loureiro, Nuno Gonçalves, Patrícia Lameida, Raquel Fontão,

Rita Toscano Corrêa, Rita Cuiça Rafael, Sebastião N. Viana, Tony Tex

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Cristiana Vieira e Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho e João Bento

ISBN: 978-989-9306-87-5

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Helvetica Neue

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Amílcar Monteiro, André Costa Gonçalves, Bárbara Barata, Carla Carmona, Carlos Aleluia, Francisco Estevão Rei, Joana Rocha, João Duarte, João Esteves, Lara Almeida, Maria João Graça, Matilde Loureiro, Nuno Gonçalves, Patrícia Lameida, Raquel Fontão,

Rita Toscano Corrêa, Rita Cuiça Rafael, Sebastião N. Viana, Tony Tex

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês, 3240-465 Chão de Couce, Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@trebaruna.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

DESAS/SOSSEGO

de·sas·sos·se·go
nome masculino

1. Estado de quem tem falta de sossego; estado de quem está desassossegado, inquieto ou perturbado. = AGITAÇÃO, ALVOROÇO, INQUIETAÇÃO, PERTURBAÇÃO ≠ SOSSEGO
2. Acto ou efeito de desassossegar.

sos·se·go
nome masculino

1. Acto ou efeito de sossegar.
2. Quietação.
3. Calma.

AMÍLCAR MONTEIRO

Introduzido no mundo em 1983, Amílcar Monteiro é neuropsicólogo clínico e escritor de ficção e humor. É autor dos livros *Não se Brinca com Coisas Sérias* (crónicas humorísticas), *Um Belo Dia para Morrer* e *Outras Histórias* (contos satíricos) e *Toque*, uma novela dramática sobre obsessão, sacrifício e segundas oportunidades. Fala pouco sobre si porque odeia discutir assuntos que não domina.



A ÚLTIMA SESSÃO

AMÍLCAR MONTEIRO

Desta vez não folheou as revistas, não mexeu no telemóvel e nem sequer se sentou. A antecipação tinha feito com que mal dormisse na noite anterior e fazia agora com que caminhasse de um lado para o outro, na sala de espera. Era o dia mais importante dos seus 21 anos de vida, o dia que marcaria o início do tão ansiado futuro. Parou finalmente junto da janela e olhou para lá dos muros, detendo-se na única estrada de acesso à vasta propriedade, um caminho de terra batida que serpenteava por entre os montes de seara dourada e os aglomerados de sobreiros.

— Duarte — chamou, da entrada da sala, uma mulher robusta de meia-idade.

— Sim? — respondeu ele, voltando-se.

— O Doutor vai recebê-lo agora.

— Ah! Obrigado, Susana.

Respirou fundo e começou a percorrer o longo corredor. Percorrera-o centenas de vezes, mas, talvez por ser a última travessia, os estímulos pareciam mais vívidos e reparava neles como se fossem novidade. O chão de madeira envernizada, os padrões do papel de parede, os quadros com motivos bíblicos e, claro, as várias certificações e diplomas emoldurados.

«Ordem dos Médicos. Afonso Manuel de Albuquerque Cabral Bragança. Especialista em Psiquiatria.»

«University of California, Los Angeles (UCLA). *Master of Science in Addictive Disorders and Recovery Studies.*»

«Vanderbilt University. *Doctor of Philosophy in Behavioral Addictions. With Honors.*»

Uma formação de excelência, absolutamente irrepreensível.

«St. Margaret's Haven of Renewal Therapeutic Community. Memphis, Tennessee. *Advanced Training Residency Program.*»

«*The European Society for Behavioral Addiction Reprogramming.* Board Member.»

Quando chegou à porta fechada, no final do corredor, parou durante um momento e depois bateu ao de leve.

— É o Duarte...

— Pode entrar — informou a voz grave e profunda do outro lado.

O jovem entrou e fechou a porta. Como habitual, encontrou o homem alto e de porte imponente à sua espera, no centro da sala. Tinha um farto cabelo grisalho, barba branca meticulosamente aparada e umas grossas sobranceiras debaixo das quais os seus olhos de um azul-límpido observavam, atentos como um falcão. Vestia um fato de três peças azul-escuro, camisa branca, gravata *bordeaux* e lenço de bolso creme, com uma dobra presidencial. «Imaculado como sempre», pensou Duarte.

Quando ele se aproximou, o homem estendeu-lhe a mão.

— Como está, Duarte?

— Bem, obrigado — respondeu, apertando-lhe a mão da forma mais firme que conseguia.

— Ótimo. Sente-se — apontou para a poltrona confortável, de costas altas, num dos cantos do amplo consultório. Duarte seguiu a indicação. — Dê-me só um momento, por favor.

O psiquiatra colocou-se atrás da sua secretária de mogno, pegou no telefone e carregou numa única tecla. Segundos depois falou:

— Susana, pode então falar com o Sandro. Sim, sim, basta ligar. Certo. Obrigado. — Desligou o telefone e pegou numa caneta e numa prancheta de couro negro, com algumas folhas. Atravessou o consultório até ao local onde Duarte estava e sentou-se numa poltrona igual que se encontrava à frente do jovem, a quase dois metros de distância. Com movimentos lentos e precisos, cruzou a perna e colocou a prancheta e a caneta na pequena mesa de apoio que tinha ao lado. Fixou Duarte alguns segundos, em silêncio, reparando que, embora apenas ligeiramente, a perna direita do jovem abanava sem parar, o que aliado ao remexer dos dedos das mãos revelava clara inquietação.

— E então, como passou esta semana, Duarte?

— Bastante bem — retorquiu. Iniciar o diálogo acalmou-o um pouco.

— Bastante bem? Que bom — replicou o terapeuta, embora a sua expressão se mantivesse austera. — E nada o preocupou ou incomodou?

— Não, nada — respondeu prontamente. — Quer dizer, só as questões normais do trabalho, mas nada de... de importante.

— Algum acontecimento que queira destacar?

— Não, não, foi só uma semana mais ocupada. Além do material de comunicação para o *site* e do acolhimento dos recém-chegados, ainda houve a preparação das refeições para os sem-abrigo e a organização da festa do São João, tem sido muito agitado...

— Mas uma semana ocupada é algo bom, não concorda?

— Sim, claro! Não me estou a queixar!

— Está a organizar a festa com a Margarida, se não me engano...?

— Sim.

— E como têm corrido as coisas com ela?

— Acho que têm corrido bem — cruzou a perna.

— Algum novo desenvolvimento?

— Não, nada de novo, quer dizer... entendemo-nos bem e cada vez nos damos melhor. Eu... gosto dela e acho que ela também gosta de mim.

— Fico contente. Parece ser uma boa rapariga: organizada, trabalhadora, afectuosa. Espero que tudo continue a correr bem entre vocês.

— Obrigado — sorriu timidamente.

— Olhe, e em relação à medicação, voltou a experienciar cefaleias ou dores musculares?

— Não, isso só aconteceu naquelas primeiras duas semanas.

— E não experienciou insónias, irritabilidade ou algum outro sintoma?

— Nada, sinto-me normal.

— Excelente, excelente. Faz agora três meses desde que parou toda a medicação, e já não tem sintomas há mais de dois, pelo que parece que o seu organismo já concluiu o desmame.

— Que bom ouvir isso — esboçou um novo sorriso e descruzou a perna. A outra continuava a abanar.

— Parece-me ansioso — atirou o psiquiatra, abruptamente.

— Hum, ansioso? Não...

O médico manteve-se a olhar para ele, sem proferir qualquer palavra. Isso fez com que Duarte se sentisse pressionado a falar.

— Quer dizer, talvez esteja um pouco ansioso, sim, mas não é por nada de mal. É por estar entusiasmado — fez uma pausa. — Por esta ser a última sessão.

— Está entusiasmado pela possibilidade de se livrar de mim e deste sítio, é?

— Não, não, por favor, nada disso! O q-que... eu... eu quero dizer é que...

— Estou a brincar consigo, Duarte — informou, embora nada na sua entoação ou expressão facial indicasse uma intenção humorística.

— Ah — Duarte riu-se, a medo. — Desculpe, não percebi...

— Tudo bem, não há problema. Mas diga-me: consegue explicar o que o entusiasmo no facto de esta ser a nossa última sessão?

— Então, hum... — A pergunta surpreendera-o. Não só por não a esperar, mas também por a resposta lhe parecer bastante óbvia. — Porque significa que consegui concluir o tratamento, que estou curado. — Apercebeu-se do que tinha feito assim que proferiu a palavra.

— Alguém com o seu problema nunca fica totalmente curado, Duarte, estará em recuperação para o resto da vida. Já lhe expliquei isto várias vezes.

— Não, sim, eu sei, o que eu queria dizer é que...

— A qualquer momento, um estímulo pode voltar a desencadear os seus antigos comportamentos — cortou o psiquiatra, falando por cima do jovem — e, por isso, terá de estar sempre alerta e agir ao mínimo sinal. Se se definir como *curado*, isso fará com que baixe a guarda e rapidamente regresse aos comportamentos do passado. Tem ou não tem consciência disso? — Falava agora de forma mais austera.

— Sim, sim, tenho — assentiu também com a cabeça, ávido por corrigir o disparate que acabara de cometer. — Enganei-me, queria dizer *recuperado*, e não *curado*.

O psiquiatra cofiou a barba e perscrutou o rosto de Duarte, fixando-o de forma intensa, o que deixou o jovem desconfortável.

— Eu acredito em si — declarou finalmente, voltando a um tom calmo. — E, obviamente, considero natural, e até um bom sinal, que o Duarte esteja entusiasmado por esta ser a última sessão do tratamento. Foi um processo longo, que exigiu enorme dedicação e sofrimento, e esta sessão coroa todo esse esforço. É um marco; o marco de que o Duarte não só enfrentou os seus demónios, como os venceu.

O jovem fez uma expressão inocente, novamente surpreendido, desta vez com as palavras positivas do terapeuta.

— E é por isso que, na última sessão de um tratamento, eu faço sempre um resumo: não só para rever as aprendizagens, mas também para lembrar o paciente de tudo aquilo por que passou, a sua capacidade de resiliência e de mudança. Parece-lhe bem?

— Sim, parece — respondeu Duarte, aliviado.

— Perfeito. Mas antes disso, e apesar de ser a sessão final, ainda terei de lhe aplicar o questionário habitual, esperemos que pela última vez. — Pegou na caneta e depois colocou a prancheta no colo. — Vamos começar?

— Sim — Duarte curvou-se para a frente, apoiando os braços nos joelhos.

— Ora então: Na última semana, teve algum pensamento ou impulso relacionado com acabar com a sua própria vida?

— Não.

O médico assinalou algo na folha.

— Na última semana, teve algum pensamento ou impulso relacionado com auto-mutilação, tal como arranhar-se, cortar-se, queimar-se, puxar o cabelo ou bater em si próprio?

— Não.

— Ótimo. Vamos prosseguir: na última semana, *pensou em* ou *teve vontade de* consumir drogas, tal como marijuana, anfetaminas, ecstasy, LSD, cocaína ou heroína?

— Não.

— Na última semana, *pensou em* ou *teve vontade de* consumir álcool, tal como cerveja, vinho, bebidas espirituosas, álcool etílico ou perfume?

— Também não.

O psiquiatra fez uma nova marca com a caneta. Depois levantou a cabeça e, sem ler o papel, perguntou:

— Na última semana, sentiu atracção sexual por um ou mais homens?

— Não.

Desta vez, o terapeuta não fez qualquer movimento com a caneta, optando por manter o olhar fixo em Duarte.

— Na última semana, masturbou-se a pensar num homem?

— Não.

As perguntas eram agora feitas de forma mais pausada.

— Na última semana, teve algum pensamento de cariz sexual envolvendo um homem, tal como beijar, acariciar, apalpar, masturbar, fazer sexo oral ou fazer sexo anal?

— Não.

O coração de Duarte disparava. Era agora. A última pergunta do questionário.

— Na última semana, teve algum pensamento de cariz sentimental envolvendo um homem?

— Não, nenhum — respondeu, sem hesitar.

O médico voltou novamente a atenção para o papel, no qual fez mais umas notas e escreveu algo breve. Devolveu a prancheta e a caneta à mesa de apoio, respirou fundo e depois dirigiu-se ao homem mais novo.

— Excelente, Duarte. Seis meses sem ideias suicidas ou auto-lesivas e sem qualquer pensamento ou impulso relacionado com as suas adições. Fico muito contente por si. Parabéns.

Ao ouvir aquelas palavras, o jovem foi invadido por uma sensação de alívio e felicidade.

— Agora sim, posso afirmar que chegou ao final do tratamento. E por aquilo que tenho observado e que o Duarte relata, parecem-me reunidas todas as condições para ter alta já no início da próxima semana.

Duarte encostou as costas e a cabeça na poltrona e deixou as mãos pousadas no colo.

Alta.

A palavra que há tanto ansiava ouvir.

Fechou os olhos durante algum tempo e, quando os abriu, estavam humedecidos. As mãos tremiam de emoção.

— Mas antes de discutirmos os pormenores da sua alta, gostaria então de fazer o resumo do que aconteceu no decorrer deste processo — continuou o psiquiatra. — A ideia é relembrar os principais problemas que o trouxeram aqui e os momentos-chave do tratamento, mas também consolidar as estratégias encontradas para lidar com as suas compulsões, que serão fundamentais uma vez que esteja no exterior, fora deste contexto mais seguro. E queria começar por recordar a altura em que iniciámos este processo, os motivos que conduziram à necessidade deste tratamento. — Fez uma pausa. — Lembra-se do estado em que estava, daquilo que era, quando aqui chegou?

— Sim.

— O Duarte tinha ido viver para fora, para tirar a licenciatura na melhor faculdade de Arquitectura do país, mas em vez de se dedicar ao estudo apanhava bebedeiras, consumia marijuana e envolvia-se sexualmente com homens. Tudo isto no espaço de pouco mais de um ano. — Reprovava com a cabeça. — E acabou por levar um desses homens a casa dos seus pais e de o apresentar à sua própria mãe como sendo o seu namorado. Qual era mesmo o nome dele?

— Guilherme — respondeu o jovem, baixinho.

— Como?

— Guilherme — repetiu, mais alto.

— Mas apresentar o Guilherme à sua mãe acabou por ser algo de positivo, caso contrário ela não saberia que o filho se tinha tornado num depravado. — Prolongou o som da última palavra. — Se não o tivesse feito, ela nunca me teria contado o que se passava e pedido para eu intervir.

Uma única lágrima escorreu pelo rosto de Duarte, que ele limpou prontamente.

— E como percebemos ao longo das sessões, o Duarte não levou esse homem até casa porque queria que a sua mãe o conhecesse; sabia bem o que iria acontecer quando o fizesse. Mesmo que inconscientemente, o Duarte sabia, sentia, que tinha um problema. E levar esse homem para casa dos seus

pais, o seu lar, símbolo de segurança, e apresentá-lo à sua mãe, arquétipo de cuidado e protecção, foi a forma que o seu inconsciente encontrou de pedir ajuda. Foi o reconhecer do seu problema, que é sempre o primeiro passo da recuperação de qualquer comportamento aditivo.

» Felizmente, a sua mãe percebeu o seu mal-estar e sofrimento e implorou-me que o ajudasse a voltar ao caminho da normalidade e do Bem. Para isso, claro, tivemos de o retirar do contexto tóxico onde se encontrava, e trazê-lo aqui para a comunidade, para um ambiente protegido, longe dos estímulos nocivos e facilitadores de devassidão. — Estudou o rosto do jovem por um momento. — O Duarte recorda-se do que dizia nos primeiros tempos? Que não tinha problema nenhum, que estava aqui contra a sua vontade, que o tínhamos raptado?

— Recordo.

— E de se recusar a sair do quarto, dos gritos e insultos, das tentativas de agressão a mim e aos enfermeiros? Do choro, da mutilação, das tentativas de suicídio, que não nos deixaram outra alternativa senão recorrer à contenção física e química?

— Sim...

— E recorda-se do que eu lhe dizia, nessa altura?

— Que a doença não me permitia ver que o internamento era para o meu próprio bem — respondeu, complacente.

— Exacto. Mas depois dessa tremenda resistência inicial, bastante comum em pessoas com a sua condição, o Duarte percebeu a gravidade do seu estado e a necessidade de se tratar. Ainda assim, aqueles primeiros seis meses de sessões diárias foram muito desafiantes. Houve vários momentos em que o Duarte não queria falar ou se sentia desconfortável em responder às minhas perguntas, mas depois de alguma insistência, acabou sempre por conseguir. E foi muito importante termos dissecado todas as suas experiências homossexuais, não só para o Duarte as expurgar, mas também para eu compreender o nível de perturbação presente e as dinâmicas compulsivas envolvidas. Só assim foi possível determinar a origem desses

comportamentos desviantes e definir a terapêutica adequada. Eu sei que não foi fácil para si discutir essas experiências, mas saiba que, apesar de todo o meu treino e prática profissional, para mim também foi muito complicado ouvi-las.

— Desculpe...

— Não precisa de pedir desculpa. O Duarte estava doente e eu tinha de o ouvir, faz parte do meu trabalho. Só queria que percebesse que também foi um procedimento desagradável para mim, embora absolutamente necessário para, em conjunto, termos conseguido compreender as causas da sua depravação. Pode, por favor, lembrar as causas que identificámos?

— Procura do prazer como forma de compensar a falta de auto-estima — respondeu o jovem, de forma mecânica. — Falta de disciplina e de estrutura. Ausência de uma ocupação relevante dedicada aos outros, que me conferisse um sentido. E ausência de Deus na minha vida.

— Falta uma.

Nos olhos de Duarte eclodiu um lampejo de raiva, que logo de seguida se desvaneceu.

— Superprotecção materna.

— Superprotecção materna — enfatizou o médico. — Embora inadvertidamente, a atitude da sua mãe durante a sua infância e adolescência foi um dos factores que mais contribuíram para a perturbação do desenvolvimento psico-sexual do Duarte. Mas felizmente, e ao contrário de muitas outras mães na mesma situação, a sua apercebeu-se dos erros que cometeu e interveio a tempo de os corrigir.

Duarte desencostou-se da poltrona, o seu corpo ficou tenso e rígido e a sua face crespou-se.

Essa linguagem não-verbal não escapou ao olhar clínico do psiquiatra.

— Sei que o incomoda falar da sua mãe, mas faça-o por um motivo: o suicídio dela foi uma enorme ameaça a este processo, algo que poderia ter deitado tudo a perder. Foi um

acontecimento devastador, um período muito difícil para todos, e que forçou os três meses de interrupção até que o Duarte voltasse a ficar emocionalmente estável. No entanto, com o auxílio da medicação, conseguimos que retomasse o tratamento e se mantivesse comprometido, e até que utilizasse a memória da sua mãe como motivação para melhorar, para se transformar em alguém de quem ela se orgulhasse. O que quero reforçar, Duarte, é que se conseguiu ultrapassar esse período particularmente complicado e concluir o tratamento, é porque tem capacidade para enfrentar todas as dificuldades que encontrará no mundo exterior.

Duarte acenou ligeiramente e o seu lábio inferior tremeu.

— Ao longo destes dois anos, o Duarte mostrou uma resiliência notável, e foi capaz de desenvolver uma capacidade de autodomínio e autocontrolo que antes não possuía. E agora, na sessão final do tratamento, parece-me livre das ideias patológicas que dominavam a sua mente e com plena consciência do quão prejudiciais eram os seus comportamentos para si e para todos aqueles que gostam de si. Quem aqui tenho à minha frente, agora — apontou com as duas mãos para o jovem —, é uma outra pessoa, um novo Duarte: limpo, saudável e com todas as ferramentas para viver de forma autónoma, ao serviço de Deus e dos outros. Acho que está preparado para esta nova fase. Também sente isso?

— S-Sinto — respondeu, com a voz embargada.

— Parabéns pelo caminho longo e árduo que fez para combater esta doença. É uma condição terrível, muito difícil de reverter, mas com esforço, persistência e sacrifício, o Duarte conseguiu. Estou muito orgulhoso de si. E sei que a sua mãe também estaria.

Duarte levou as mãos à cara e começou a chorar. Tinha prometido a si mesmo que não o faria nesta sessão, mas era impossível, o turbilhão emocional era demasiado avassalador para ser contido.

— Desculpe... — proferiu, entre soluços.

— Não há problema em chorar. Ainda por cima lágrimas de felicidade num dia tão marcante. Tem ali lenços, se quiser — apontou para a mesa de apoio ao lado da poltrona do jovem.

— Ob-Obrigado — disse Duarte, tirando uns lenços e voltando a enterrar a mão na cara, num pranto renovado.

De rosto impassível, o médico manteve-se fixado no jovem. Aguardou até que ele parasse de chorar para quebrar o silêncio.

— Como voltei a salientar no início da sessão, apesar de ter recuperado, o Duarte nunca estará completamente curado desta perturbação. E para ser bem-sucedido nesta nova fase, e não ser necessário voltar a ficar cá internado, deverá seguir à risca o que definimos nas sessões de preparação para a vida autónoma. Penso que seria útil rever o procedimento, uma última vez. Pode ser?

— Sim, pode — concordou, olhos vermelhos do choro e as mãos ainda segurando o lenço.

— Então, diga-me: a que se deve comprometer, nos primeiros 12 meses?

— Ir semanalmente às reuniões do grupo de ajuda mútua dos Renascidos e vir cá, mensalmente, ter uma consulta consigo.

— E o que deverá fazer caso algum estímulo lhe desencadeie um impulso ou pensamento sexual ou sentimental envolvendo homens?

— Se estiver num sítio público, devo primeiro retirar-me desse contexto e procurar um local isolado, onde possa estar sozinho. Depois devo repetir a Oração da Inibição e Perdão até o pensamento cessar.

— Muito bem. E se, ainda assim, o pensamento não cessar ou se os pensamentos se tornarem mais frequentes ou intensos?

— Devo ligar para a nossa linha de crise e partilhar o que se passa. E marcar uma consulta de urgência consigo.

— Isso mesmo. E caso sinta que está na...

O toque do telefone interrompeu-o.

— Deixe-me só atender, por favor. — O médico dirigiu-se até à sua secretária e levantou o auscultador. — Sim, diga, Susana. Certo. Sim, pode, já não demora muito. Certo. Obrigado.

— Desligou e voltou a sentar-se na poltrona. — Peço desculpa, mas era um assunto premente, tinha mesmo que atender.

— Não há problema.

— Ora, ia perguntar-lhe o que deverá fazer caso sinta estar na iminência de sucumbir a um impulso desviante.

— Ou telefono a um dos conselheiros do grupo de ajuda e peço-lhe para nos encontrarmos, ou procuro a igreja mais próxima para falar com um padre. Caso aconteça mais do que uma vez por mês, devo... devo voltar aqui para o monte.

— Exactamente. Mais vale ficar cá uns dias e controlar os impulsos, do que voltar aos comportamentos antigos e ter de recomeçar o tratamento do zero.

Duarte assentiu com a cabeça e engoliu em seco, imaginando ter de passar por todo aquele processo novamente.

— Excelente, Duarte, tem tudo bem interiorizado. Uma vez mais, digo-lhe que me parece preparado para enfrentar o que aí vem. Acho que tudo correrá da melhor forma e que conseguirá, finalmente, ser um jovem saudável e feliz.

Foi então que Duarte observou o médico fazer algo que nunca vira durante os dois anos de tratamento: sorrir. Um pequeno sorriso, que durou breves instantes, mas o suficiente para mostrar que aquele rosto austero ainda tinha essa capacidade. Um sorriso que o deixou incapaz de proferir uma única palavra ou fazer um único gesto; limitava-se a olhar para o médico, questionando se o sorriso tinha sido real ou uma mera ilusão.

Rapidamente o rosto do psiquiatra retomou a dureza habitual e ele voltou a falar.

— Mas existe ainda uma questão importante que quero abordar antes de terminarmos a sessão.

Duarte franziu o sobrolho.

— Há pouco, quando falámos do Guilherme, o Duarte reagiu de forma diferente. O tom com que disse o nome dele e a sua linguagem corporal pareceram-me indicar que talvez ainda sinta algo por ele.

— O quê? Não, não, nada disso, interpretou mal!

— Sabe, muitas vezes o mais difícil no tratamento de adições é quando o paciente se confronta com o passado — prosseguiu, ignorando Duarte. — Quando regressa aos contextos onde desenvolveu os comportamentos desviantes ou quando vê ou reencontra as pessoas que os desencadeavam. Esses são os factores mais perigosos para que aconteçam recaídas.

— Por favor, ouça, eu já não sinto nada por ele! Eu nunca mais pensei no Guilherme até me ter perguntado o nome dele...

— E por isso, para dar alta a um paciente, preciso de ter a certeza absoluta de que ele está apto a lidar com o passado — explicou, levantando-se. — E, no seu caso, apesar de todos os notáveis progressos, ainda estou com dúvidas do que acontecerá nessas circunstâncias.

— Não acontecerá nada! Eu vou resistir! Eu sei que consigo resistir! Eu já não sou o mesmo — levantou-se também, agitado.

O psiquiatra caminhou até à porta da sala, parou e voltou-se para Duarte.

— Talvez. Mas em situações destas, onde a dúvida persiste, não posso arriscar que o paciente comprometa todo o tratamento devido a um erro de julgamento da minha parte. É meu dever garantir que o paciente sai daqui com essa capacidade.

Quando acabou de falar, rodou a maçaneta da porta, abrindo-a, e afastou-se.

— Podem entrar.

Duarte viu dois homens a atravessar a ombreira. Reconheceu de imediato o de cabelo rapado, corpo musculado e uniforme azul: o enfermeiro Sandro, braço direito do psiquiatra e seu homem de confiança na manutenção da ordem, disciplina e adesão terapêutica entre os pacientes da comunidade.

Não conseguia perceber quem era o outro homem, pois tinha a cabeça tapada com um saco de pano preto. Segurando-lhe um dos antebraços, Sandro conduziu-o sala adentro e depositou-o rispidamente na poltrona onde o psiquiatra estivera sentado. Quando esse segundo homem, franzino, baixo e vestido com umas calças caqui e uma camisa azul amachucada, caiu na poltrona, Duarte reparou que uma corda lhe prendia as mãos atrás das costas.

— O que... o que é isto?

O Dr. Cabral Bragança fechou a porta e foi até junto da secretária de mogno.

— Uma pessoa só pode mudar depois de enfrentar e ultrapassar o seu passado. — Fez um sinal com a cabeça para Sandro que, acto contínuo, removeu o saco da cabeça do outro homem.

Duarte ficou atónito.

Guilherme.

Despenteado, com a barba por fazer e uma expressão de pânico. Encolhido na poltrona, olhou para Sandro, e depois quando viu Duarte os seus olhos arregalaram-se.

— Duarte...? — pronunciou baixinho, num misto de surpresa e esperança.

De imediato, Sandro agarrou-lhe o maxilar com uma mão.

— Não te avisei que só devias falar se o Doutor te mandasse?

Guilherme emitiu um grunhido, fez um esgar de dor e retraiu-se ainda mais, assemelhando-se a um animal maltratado e assustado.

ANDRÉ COSTA GONÇALVES

André Costa Gonçalves nasceu em 1984, no Porto. Formou-se em História pela Universidade do Minho.

Após alguns anos a trabalhar como docente, fundou e dirigiu um Centro Pedagógico a partir de 2012.

Deve a um livro em particular, encontrado numa prateleira poeirenta em casa dos avós quando tinha cerca de dez anos, o início do gosto pela literatura. O escritor, Edgar Allan Poe, reflecte-se frequentemente como influência na sua escrita. Começou por escrever crónicas, mas é na ficção que se sente mais confortável, tendo-se dedicado mais seriamente à escrita desde 2022.



SEM DESTINO

ANDRÉ COSTA GONÇALVES

Chove torrencialmente. Mal consigo manter o carro na estrada. Sigo muito lentamente. Não tenho destino nem isso é importante. O que importa é não parar. Se não parar, não tenho de pensar. Se não pensar, não tenho de sentir. Assim é melhor. Estou ocupada. Os pensamentos que estou a evitar pairam sobre mim. Acompanham-me constantemente, onde quer que vá. Desde o dia. É impossível libertar-me deles, já fiz paz com o assunto. Ou antes, com a realidade de que nunca mais voltarei a ser a mesma. Sim, assim é melhor. Estou ocupada. A minha atenção está focada noutra coisa. Verto energias em algo diferente da dor.

Os pensamentos não me abandonam, no entanto. Quando os afasto momentaneamente, como agora, persistem em arranhar-me a consciência, tentando reentrar. Quando isso acontece, tornam-me negra. Inerte. Morta.

Não. Neste momento estou atenta à condução, à chuva que me castiga o pára-brisas como uma cortina, abafando todos os outros sons. Ligo o rádio. A música é alegre e enche a pequena jaula de vidro e metal onde me encontro. A música é alegre. Diz-me que é bom estar vivo. Há tanto para fazer, tanto para ver, tanto para sentir. Desligo o rádio. A música é alegre. Está a ter o efeito contrário em mim.

O meu telemóvel toca. Pego nele, embora já saiba quem é. Está a perguntar-se onde estou desta vez. Está preocupado e receoso, por mim. Enfurece-me a sua preocupação. É o

homem que amo, mas esse amor não é suficiente. Ele não é suficiente. Não agora. Não desde o dia. Pouso o telemóvel no banco e espero que ele desista. Sei o efeito que isso terá. Sei exactamente quão cruel estou a ser. Retiro um prazer magoado ao saber que o seu coração baterá mais depressa. Que se irá levantar e caminhar de um lado para o outro, sem soluções. Que irá ponderar informar a polícia e que, imediatamente, o seu lado racional lembrar-lhe-á que ainda só se passaram algumas horas e que provavelmente está tudo bem. E está. Fisicamente estou bem. A dor é invisível. Ele sabe, também a sente. A diferença entre nós é que ele ocupou-se de mim. E eu fiz o mesmo. Ele tenta ajudar-me, eu nego e enfureço-me. Ele devia sentir a mesma dor. Como não sente a mesma dor? Desde o dia. Não quero o carinho dele. Não quero amor. Quero voltar atrás no tempo. Ao dia. Impossível. Portanto, quero nada. Quero que o nada me preencha, corpo e alma e mente. Quero sentir nada, ser nada.

Quem me dera ter coragem para fazê-lo. Podia afirmar que já tentei, mas segurar caixas de comprimidos ou abrir uma janela e observar o chão de cimento, muito abaixo, dificilmente constitui uma tentativa. Não estou a atravessar um arame, a uma grande altura, com vento que me desequilibra em direcção à morte. Antes, estou num poço escuro, negro e fundo, do qual não conheço a saída. Nada mais sei fazer além de gritar e chorar. Desde o dia.

O retrovisor do carro embate em algo oculto pela escuridão e pela chuva. Um barulho seco e desagradável. Pressiono o pedal imediatamente e com força. O carro trava alguns metros à frente. Saio e sou baptizada por água gelada. Não importa. Se algo de positivo há nisto é, por um momento, nada mais ter na alma excepto *em que bati?* Está demasiado escuro. Dou vários passos, retrocedendo. Quanto mais me aproximo, mais se torna claro que uma voz cansada geme. Apresso-me.

Um homem velho, caído no chão, agarra o cotovelo e contorce-se. Peço-lhe desculpa, muita desculpa, mas ele apenas geme. Levanto a cabeça e olho em volta. Não existe nada excepto uma estrada perdida no meio de lugar nenhum. Levanto-o e ajudo-o a deitar-se no banco de trás do carro. Abrigados da chuva, continuo a minha penitência. Peço desculpa. Não lhe queria acertar. Não via nada. Era impossível tê-lo visto. Peço mais desculpa. O velho pára de se lamentar e fecha os olhos, aparentemente adormecido. Vejo-lhe os bolsos, nada que o identifique. Não tem telemóvel. Toco-lhe nos braços e levanto-lhe as mangas. Ele não se queixa. Não tem feridas visíveis, apenas uma tatuagem no antebraço.

Sem outras opções, pondero ligar-lhe. Se o fizer, ele virá imediatamente. Vai querer resolver tudo por mim, vai sufocar-me com preocupação. Vai remover-me toda a capacidade de tomar decisões.

Olho de novo para o velho. Ainda dorme. Ligo o aquecimento do carro e arranco. Com destino, desta vez, embora não saiba onde fica. Um hospital. Qualquer coisa. Mas, tal como nas últimas horas, nada. Uma estrada escura em lugar nenhum. Não há mais caminho excepto para a frente. Para a frente conduzo. Um pouco mais depressa agora. Gosto da sensação. Gosto muito. Não estou a pensar em nada mais para além do velho no meu banco de trás. Tenho um propósito, só meu. Ninguém mo poderá tirar. Ele não mo poderá tirar, não está aqui. Eu vou resolver isto, mais ninguém. Acelero ainda mais, não tenho medo da chuva nem da escuridão.

“Aguenta-se.” digo ao velho, por cima do ombro. “Aguenta-se que já o levo ao hospital.”

“Não há nenhum hospital próximo.” O velho falou e eu fiz o carro resvalar na berma, apenas por um segundo. “Não estou magoado.”

Pela terceira vez, peço-lhe desculpa. Produzo justificações, culpo a escuridão e a chuva, demasiado presentes. Ele não me responde. Senta-se, cansadamente. Segura-se aos bancos da frente e, com esforço, posiciona-se no meio do banco traseiro.

BÁRBARA BARATA

Bárbara Barata nasceu na cidade da Covilhã, passou por Coimbra e Salamanca durante o seu percurso académico e vive atualmente no Porto, onde se dedica a impedir que as pessoas desistam dos seus sonhos. É psicóloga, praticante de meditação, ativista e viciada em livros. Ao longo dos últimos anos, tem vindo a explorar o potencial das diferentes formas de expressão artística nos cuidados de saúde mental.

Publicou o seu conto “O Próximo Momento” na antologia *IN/Sanidade*, da Edições Trebaruna (Prémio Adamastor de Ficção Fantástica em Conto 2024).



TANATOPRAXIA DA ALMA

BÁRBARA BARATA

“A noite é só o dia na outra metade da terra”

Adília Lopes

Tarde, 1 de janeiro.

Alma entrou sorrateiramente na sala fria onde os seus dois colegas preparavam o meu cadáver, com um silêncio e cuidado irrepreensíveis.

Apesar dos muitos anos que acumulava nesta prática profissional, mantinha idêntico nível de respeito e consideração a cada novo corpo que tratava. Não se banaliza a morte, nem quando se passa por ela todos os dias. As pessoas matam-se a viver e não é justo que, quando não se podem mais defender, alguém apareça a fazer pouco delas.

Como já era ritual — e antes do início dos processos de desinfecção, conservação e preparação estética do corpo — a técnica, Alma de seu nome e proprietária dos mais belos e profundos olhos azuis da cidade, entrou para saudar(-me) o morto.

Hesitou por breves instantes antes de se aproximar, ainda que soubesse que eu mal não lhe podia fazer. Respirou fundo e debruçou-se lentamente sobre a mesa. Os seus olhos arregalaram-se imediatamente, na surpresa de se deparar com um sorriso tão sereno, quase jocoso, estampado nos meus lábios. Decididamente, ela nunca vira nada assim, e não é que fossem poucos os mortos que já tinha contemplado.

A expressão contente do meu cadáver contrastava de forma tão brutal com a tristeza da ocasião que Alma sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha, uma espécie de inquietação que lhe entrou debaixo da pele e que não mais a deixou dormir.

Manhã. 1 de janeiro

Hoje acordei morto e nem sequer sei porque vivi. Não estar vivo é objetivamente mais estranho do que estar. As mãos são minhas, mas não são. Sinto a ausência de um qualquer peso que me parece essencial na existência, uma espécie de falta de chão por baixo dos pés.

Entre outras coisas, esta nova condição de não viver que me define, significa que hoje deixo de fazer exercício, de praticar meditação, de preparar refeições saudáveis, de acordar mais cedo para trabalhar “enquanto os outros dormem”, entre as demais promessas de hábitos essenciais para uma vida feliz. Não preciso mais de vestir-me à pressa, de me engarrafar no trânsito na ida para o escritório, de ligar para a segurança social a insistir na devida correção das minhas taxas. Não bebo água, nem sequer despejo o lixo — que fique ali, a apodrecer, juntamente com o corpo e os sonhos. Confesso que, por mais constrangedora que seja esta situação de morrer sem saber como vivi e em um minuto deixar de o fazer, a principal revolta que sinto é a de não conseguir passear o meu cão, mas a verdade é que não consigo abrir a porta da entrada, nem mesmo se empurrar com muita força.

Não consigo aceitar que tenha de ser assim, com as minhas mãos que já não abrem portas, e devo dizer que, sendo que a vida era minha, faz-me um pouco de confusão que agora já não seja — sem nem sequer um pedido, mais ou menos formal, um e-mail com um pré-aviso para fazer tudo aquilo que tem de ser feito antes de dar de *frosques*, uma carta com

um prazo para decidir ou condições para negociar. É verdade que no meu corpo já habitava muito pouco de quem fui, mas ainda assim, era tão jovem,
como é que eu morri?

Como se não bastasse, bato a bota logo no meu dia preferido do ano, o único dia que nos dá a possibilidade de acreditar com força nos sonhos que depois demoramos 364 dias a não cumprir, o dia em que se alarga a perna sem medo de dar um passo maior do que ela, porque é tempo de recomeçar e o *que lá vai, lá vai*.

Passeio os olhos pela casa e não existem vestígios de qualquer crime violento, não há sinais de arrombamento em portas ou janelas, nem nenhuma outra pista hedionda ou minimamente digna de um bom policial. Existe apenas o meu corpo, curvado em posição fetal, como se estendesse os braços para regressar ao útero de onde nunca pediu para sair.

O filósofo Kant uma vez disse que a inteligência de um indivíduo se mede pela quantidade de incertezas que é capaz de suportar. Talvez seja preciso morrer quando chega aquela inquietação que já não nos cabe dentro, uma dúvida atroz que começa a comprimir as veias, os órgãos — o sangue a querer passar e a incerteza a dizer *não, não passarás*. Digo isto porque a única coisa que recordo é que há dois dias recebi uma notícia que me levou num comboio rápido ao destino do mais absoluto abandono. E sem saber como nem porquê, aqui estou, a contemplar este meu corpo, outrora tão cheio de vida, agora sem ela.

Não me conformo. Apesar da minha desmemória, sei-me digno e firme em bons valores. É uma espécie de convicção que me chega na forma de vozes na minha cabeça. Terei caminhado com uma direção, uma missão que não sei se cheguei a concluir. Sinto este cheiro de eternidade, mas quero ficar longe do perfume. Aos meus pés está Moisés, o meu cão, que justamente me pergunta

Mas como é que tu morreste?

Continuo a passear fora do meu corpo, com grande expectativa para o início do velório.

Estou determinado a desvendar os mistérios da minha morte (e da minha vida), enquanto tento gerir o profundo transtorno de não me lembrar de nada sobre ela. Preciso de saber quem são as pessoas que me amavam e que eu amei, recordar os seus rostos e nomes que agora não são mais na minha cabeça do que uma nuvem densa e branca. Preciso de ver as lágrimas dos outros olhos, que talvez me indiquem um caminho.

Para onde se vai quando se morre?

Aquele sorriso, tão vivo e inesperado, num homem tão morto e que ainda não recebeu qualquer intervenção estética, faz inveja a muitos vivos que andam por aí — mas não me alongo com exemplos, a fim de não ferir suscetibilidades.

Das centenas de mortos que Alma já saudara, nenhum rosto se aproximara minimamente da minha expressão. Não é que não seja normal que os mortos pareçam sossegados — só não assim, não daquela maneira. Está claro que na vida, todos se desassossegam constantemente: o médico, a dona de casa, o sapateiro, a estrela de cinema e o padre. Mas se a morte é a conquista da eliminação do prefixo dessa palavra, nada mais justo que se pudesse manifestar sempre daquela forma serena, quase mágica.

Alma não encontrava a paz, sentia-se a dançar em cima de uma linha muito fina, no intervalo de um caminho que ligava a sanidade à loucura. Não conseguia deixar de contemplar o meu sorriso.

Como será que ele morreu?



CARLA CARMONA

Em criança e adolescente, Carla Lourenço Carmona era uma devoradora de livros, rabiscando contos e outras histórias. A primeira experiência literária acontece com a participação numa coletânea de contos, *Que o Caminho Não nos Fuja*, sucedendo-se participações na revista literária *PALAVRAR*.

Encara a vida com um sorriso e uma gargalhada.



O PRIMEIRO MARIDO

CARLA CARMONA

Nota: por desejo da autora, este conto não segue o Acordo Ortográfico de 1990

A noite era o pior. Na escuridão, as almas idas voltavam como resquícios corpóreos e o silêncio era substituído por murmúrios que o vento proferia. Matilde detestava estar ali. Era uma casa demasiado grande, agora que todos tinham morrido, só restava ela. Os caixilhos das janelas precisavam de ser mudados, o ar que entrava era frio e os barulhos que fazia não a deixavam sossegar. Enrolou-se mais nas mantas, tapou os ouvidos e tentou concentrar-se na respiração, abrandar os batimentos e adormecer.

Quando a luz começou a entrar pelos frisos das persianas tortas, decidiu levantar-se, ainda havia muito a inventariar antes de entregar a casa à imobiliária. Vestiu um robe e foi até à casa de banho, um duche serviria para a aquecer e dar o ímpeto ao dia.

Já vestida, desceu ao primeiro andar e saiu.

O sol de Outono aquecia o suficiente. Caminhou lentamente até à pastelaria.

— Bom dia, Matilde. O que vai querer?

— Bom dia, D. Judite. Uma torrada do vosso pão fresquinho e uma meia de leite, por favor.

— Sente-se, a miúda já lhe leva o seu pequeno-almoço.

Enquanto esperava, numa mesa perto da montra, ia seguindo o corrupio das pessoas. Algumas, a caminho do trabalho, outras, com mais idade, iam-na cumprimentando. Para muitos continuava a ser a neta da Clara Ferreira Nunes.

Pegou no telemóvel e viu as mensagens. Várias de Marco, que resolveu não ver. Abriu a de Telma e respondeu-lhe, tranquilizando-a. Conheciam-se há uma década e a amiga sabia que lhe custava vender a casa da família e que usara a venda como desculpa para se afastar do noivo.

De regresso, Matilde despiu o casaco, pegou nos cartões azuis que deveriam ser colocados nos móveis e objectos com que pretendia ficar. Ontem, já dera uma volta pela casa e tinha noção do que não queria, por isso não contava perder muito tempo. Dirigiu-se à cozinha. Como suspeitava, acabou por nada assinalar. Passou pela casa de jantar e aproximou-se do louceiro, era muito antigo e a avó tinha um grande apreço por ele. Na parte de cima, através dos vidros, podia ver os cristais. Descerrou as portas de baixo e encontrou o serviço da *Vista Alegre*. Ao centro, tinha duas gavetas. Abriu a da direita e lá estava o faqueiro de prata, a da esquerda tinha atoalhados. Por não se recordar da toalha que estava por cima, tirou-a e desdobrou-a fazendo cair algo no chão. Uma chave. Ficou a olhar para ela, era preta e com um feitio que parecia reconhecer. Depois de pensar lembrou-se. *O baú do sótão*.

Cheia de entusiasmo, galgou as escadas até ao sótão. No canto oposto a uma janela estava uma arca que havia tentado abrir sem sucesso. A fechadura era preta, grossa e muito forte. Ansiosa, como se desembrulhasse uma prenda colocou a chave na fechadura, rodou e *clic*.

Ao levantar a tampa, caiu em desilusão: eram apenas roupas. Tirou uma pequena manta, pousou-a no chão, sentou-se em cima dela e começou a esvaziar o conteúdo. Um casaco comprido, dois vestidos, um casaquinho bege, umas calças e uma camisola. No fundo, mais duas caixas. Pegou na da esquerda e descobriu dentro dela anéis, pulseiras, colares e brincos, muitas seriam bijuterias baratas, mas outras dentro de pequenas caixas pareciam ser verdadeiras jóias. Uma das caixinhas continha um anel de ouro com uma pérola grande, rodeada de pequenas rosas com cristais incrustados, brilhantes

como se fossem fragmentos de gelo a reflectir luz. Na outra, mais funda, havia um colar com um coração demasiado grande para o fio dourado, com uma pedra rubra ao centro, apesar de ser fria ao toque. A última pequena caixa guardava uns brincos em filigrana de Viana.

Na caixa da direita, encontrou fotografias da avó, ainda jovem. Cabelos castanhos, ondulados, compridos e soltos, numa delas com um vestido verde, elegante, e saia volumosa como era moda. Em algumas a avó aparecia só, mas na maioria estava acompanhada, ora com um homem, que não era o seu avô, ora com um grupo de pessoas, onde, por vezes, surgia esse homem. Conseguiu reconhecer a D. Manuela nos retratos. Tinha sido amiga da avó toda a sua vida. No fundo do baú havia um espelho com manchas cinzentas e um documento amarelado, ao desdobrá-lo percebeu ser uma certidão de casamento. Ali constava o nome da avó e o de um homem que não reconhecia como sendo o do seu avô.

Matilde ficou algum tempo a olhar para aquelas letras que lhe pareciam fugir. Levantou-se, com o documento e as fotografias nas mãos, desceu até à sala e sentou-se no sofá. Do lado direito, estava uma pequena mesa com uma jarra grande de cristal, onde a avó colocava sempre muitas flores do seu jardim e à volta uma série de molduras, retratando várias fases da sua vida. Os avós quando se casaram, o baptizado da mãe, ela própria em criança, na adolescência, sozinha ou com os primos, e os seus pais. Agarrou no telefone e começou a escrever uma mensagem, desistiu e acabou por ligar à amiga.

— Telma, se te enviar um documento consegues confirmar-me se é verdadeiro?

— O que aconteceu? Estás bem?

— Está tudo bem. Preciso de saber se me podes ajudar, é uma certidão de casamento da minha avó.

— Claro que sim. Envia-ma.

— Vou tirar uma fotografia e enviar-te. Assim que possas, diz qualquer coisa.

— Ok. Até logo.

Matilde enviou a imagem e voltou a sentar-se. Pousou o papel, pegou de novo nas fotografias e observou-as. *A avó está sorridente, numa está só com aquele homem, o olhar dela ostenta tanto amor. É um olhar que reconheço. Vi-o destinado ao avô, à mãe e a mim. Mas quem é este homem? Foste casada com ele, avó? Quando? Antes do avô? Separaste-te? Ele morreu? O meu avô sabia? A mãe?*

Com cenários e questões em turbilhão, levantou-se e resolveu retomar a ronda pela casa. Subiu ao primeiro andar, dirigindo-se ao quarto destinado às visitas.

As estatuetas, as mobílias e os restantes objectos de decoração não faziam o seu estilo. Era mais uma divisão sem cartões azuis, porém, mesmo não os querendo, pesava-lhe não ficar com eles. A avó amava a sua casa e tudo o que ela continha. Respirou fundo em jeito de coragem e avançou para o quarto que havia sido da sua mãe e que se tornara depois o dos pais quando visitavam os avós. A porta revelava um quarto feminino, em tons pastel, ao gosto da mãe, uma cama com dossel, um tocador e roupeiro. Os móveis eram de madeira maciça, peças feitas para sustentarem os anos, sem fazerem sentido na sua vida, nenhum ficou com um cartão. Os frascos de perfume, guarda-jóias, pentes de prata, todos impregnados de memórias da mãe, haviam sido colocados numa caixa, esses iriam com ela.

Sentindo uma vibração, retirou o telemóvel do bolso.

— Conseguieste?

— Sei que o nome do teu avô não era Gonçalo, mas o documento que me enviaste é verdadeiro. Eu consegui falar com a amiga de uma colega que trabalha nos registos. Queres explicar-me?

— Não sei. Encontrei uma chave e consegui abrir um baú antigo que estava no sótão. Lá dentro estavam algumas roupas, fotografias e essa certidão. Jamais ouvi qualquer história de que ela tivesse sido casada antes. Consegues perceber o que aconteceu a este casamento?

— Pedi a essa rapariga, a dos registos, para tentar perceber se houve algum divórcio, a morte dele, ou o que mais.

— Da outra vez que estive cá e retirei os objectos pessoais da minha avó, embalei tudo, grande parte eram molduras com fotografias, só deixei as da sala porque me faltaram caixas, mas não vi uma única com esse homem.

— Calma, deve ter sido antes do teu avô, não te ponhas a magicar cenários.

— Nada disso. Espera — espreira o ecrã — Telma tenho de desligar, o Marco está a ligar-me.

— Chato.

— Assim que souberes mais pormenores liga-me. Beijos.

— Beijinhos.

A chamada termina, para outra se iniciar.

— Bom dia, como...

— Já estava a pegar nas chaves para ir ter contigo.

— Porquê?

— Estou farto de te enviar mensagens, sem que me respondas a nenhuma, liguei-te e não me atendeste. Podia ter acontecido alguma coisa.

— Não existem motivos para te preocupares. Estou a despedir-me de uma parte da minha vida, evita enviar-me mensagens; se for urgente liga-me, caso contrário segunda-feira regresso e falamos nessa altura.

— Vamos casar-nos. Acho essa uma atitude de quem é descomprometido. Amo-te, quero sempre saber de ti.

— E por me amares, deves respeitar o meu momento. Fica bem. Beijos.

Matilde deixou-se deslizar até à cadeira do tocadour. Reflexo de pesar, sem brilho ou luz.

Ficou sentada até sentir firmeza nas pernas. Olhava em volta para o quarto, onde ainda se sentia o perfume floral e o amadeirado. Deixou o cómodo e seguiu pelo corredor até ao que fora ocupado pelos avós. Entrou e sentou-se na poltrona que pertencera ao seu avô. Aquele espaço que lhe tinha sido

CARLOS ALELUIA

Carlos Aleluia nasceu em Lisboa e, desde cedo, decidiu que imaginar mundos era bem mais divertido do que somente habitá-los. Atualmente, quando não tem a mente a fervilhar de novas histórias, é engenheiro de *software*. Talvez por isso ainda tenha um fraquinho especial por ficção científica, género que explorou na sua estreia como autor com o conto “Ágape”, vencedor do prémio Ataegina 2021. Conta ainda com contos publicados na Fábrica do Terror e na Revista *Palavrar*, além de integrar a antologia *Almanaque Steampunk 2022*, da Editorial Divergência e a antologia *Des/Pudor*, da Edições Trebaruna.



QUANDO NOS DESLIGAMOS

CARLOS ALELUIA

O ar gélido perfurava-lhe a traqueia, esgotando-lhe lentamente o fôlego remanescente, à medida que as pernas davam de si a subir a encosta escarpada. Não fosse a sua força de vontade, a respirar diretamente por entre os músculos fatigados, já teria sido forçado a desistir da subida há largos minutos.

— Se abrandares gastas mais energia para vencer o atrito do ar — ouviu a voz da Íris a soar-lhe ao ouvido, através do dispositivo incrustado na orelha, assim que abrandou ligeiramente o passo. — É mais provável atingires o topo se mantiveres o ritmo.

Não se podia esquecer da Íris, claro. Sem os constantes conselhos pragmáticos da sua assistente virtual munida de inteligência artificial não chegaria a lado nenhum, pensou ironicamente enquanto se esforçou para combater o cansaço acumulado que lhe assolava o corpo.

O trilho por onde seguia serpenteava em redor da montanha e os limites do caminho tornavam-se progressivamente mais ambíguos. Muitos dos pilares que marcavam o trajeto estavam tombados, tendo sido dominados e camuflados pela natureza envolvente. Felizmente, Léo guiava-se pelo mapa que a Íris transmitia para o seu relógio de pulso, mostrando não só o itinerário a acompanhar mas também a localização do seu objetivo, um losango a piscar a cerca de meio quilómetro de distância e a uma elevação de mais de cem metros superior.

— Acham que é desta? — questionou, a pergunta a ser transmitida no mesmo canal através do qual Léo comunicava com a Íris e com todas as outras individualidades recolhidas até então.

— Eu julgo que vai ser ela — partilhou prontamente.

— Já demos tantas voltas à ilha, mais tarde ou mais cedo terá de acontecer — opinou.

O alvoroço que revolia na sua cabeça não se silenciou mais. Por vezes, Léo dava por si capaz de se abstrair das vozes que circulavam pelos circuitos elétricos ligados ao seu sistema auditivo. Noutras, contudo, particularmente quando o seu próprio estado de espírito se encontrava impaciente, não conseguia deixar de ser afetado pela confusão emanada por aquele aglomerado de personalidades digitais.

— Podemos-nos abster de comentar até chegarmos lá acima, por favor? — pediu Léo, sentindo que precisava de foco para enfrentar a parte final da ascensão.

— Tu é que mandas, chefe — comentou.

— Lá estás tu com o chefe — disparou.

Léo revirou os olhos enquanto a discussão prosseguia em plano de fundo. O trilho por entre as árvores desembocou num espaço aberto que afunilava numa escadaria comprida até ao topo, construída com pedras irregulares a fazer de degraus. Com os músculos doridos do trilho até então, a derradeira parte do caminho revelou-se um desafio maior do que ele imaginara.

Quando finalmente chegou ao cimo, deteve-se durante alguns segundos enquanto se focava na respiração que lhe devolvia o fôlego. A vista naquele começo de pôr do sol era deslumbrante, mas Léo tinha assuntos mais urgentes a ocupar-lhe o pensamento. Fitou o gráfico reproduzido no pequeno ecrã do seu relógio. O marcador cintilante encontrava-se a poucos metros. Caminhou um pouco e sentiu o coração a acelerar quando se deparou com um esqueleto enrolado sobre

si próprio e encostado a um banco de madeira. Os ossos estavam dispersos e muitos ainda estavam agarrados a resquícios de tecido que não tinham esvoaçado com o vento. Tratava-se de um ser humano ligeiramente mais pequeno do que ele, o que lhe dilatou as esperanças. Um pequeno dispositivo permanecia agarrado ao crânio.

Léo aproximou-se da estrutura óssea e agachou-se, tocando levemente no aparelho triangular que se assemelhava ao que ele próprio tinha e usava para comunicar com os seres virtuais que o acompanhavam.

— Íris, conecta-te, por favor.

— A estabelecer conexão — anunciou a assistente digital, um som de processamento a substituir-lhe a voz quando terminou de falar.

Ficou naquela posição alguns segundos, enquanto a Íris extraía informação suficiente para a criação de um perfil digital. Léo soube que o procedimento tinha sido concluído quando o seu canal auditivo foi invadido por um tinido eletrónico ondulante.

— Onde estou? — soou uma voz mecanizada desconhecida até então, cuja assinatura lhe chegou por meio da Íris como 0x1C71. — O que aconteceu?

Léo enterrou a cabeça nas mãos, tentando lidar com a frustração sem o demonstrar em demasia. Apesar de tudo, sabia que a nova entidade que se juntara ao seu processador central precisava de ajuda.

— Bem, afinal ainda não foi desta — concluiu celeremente 0xFFFF9.

— Mais um para nos fazer companhia, então — adicionou 0x5553.

— Lamento muito, Léo — disse 0x1A3F.

— Se calhar temos de começar a aceitar o facto de que nunca a vamos encontrar — comentou 0x4F12, espelhando o seu pessimismo usual.

— Íris, desliga-te, por favor — pediu Léo, sentindo-se incapaz de lidar com a avalanche emocional que o invadia, a si e aos seus companheiros, naqueles instantes.

— A desligar — soou a voz da Íris, seguida pelo som característico de encerramento do sistema.

Silêncio. Silêncio total. Apenas a brisa que raspava por entre as árvores e soprava no casaco preto se fazia notar no cimo daquela montanha. Léo tentou evitar, mas não foi capaz de impedir meia dúzia de lágrimas de lhe escapar da retina e de escorrer pela face fria. Ele sabia que era uma missão quase impossível, mas tinha subestimado o quanto lhe custava cada vez que via a crença ser gorada.

Meio cambaleante, voltou para trás e começou a descer a escadaria. O tom alaranjado dos céus e o brilho tímido que lhe refletia nos olhos ajudaram a que se distraísse do fracasso e se concentrasse na beleza que o mundo ainda tinha para oferecer. Focou a vista nas planícies verdejantes praticamente desocupadas, estendendo-se desde o sopé do monte até à entrada num oceano infinito que rodeava a ilha em todas as direções. Por muita tristeza que continuasse a deflagrar, a Terra continuava a girar em torno do Sol, e novos dias viriam. Limpou a cara, acalmando-se ao mesmo tempo que se enchia de energia suficiente que o conseguisse levar em segurança de volta até lá abaixo.

Demorou algumas horas até alcançar a tenda que tinha montado junto à estrada abandonada. O ar frio desaparecera e fora substituído por uma aragem amena e agradável. A noite já se tinha instalado, obrigando Léo a acender uma lanterna e a atá-la em redor da cabeça para conseguir fazer fosse o que fosse naquele mundo às escuras. A descida tinha-lhe dado o espaço mental para recuperar a tranquilidade que normalmente o caracterizava, sentindo-se mais bem preparado para voltar a ligar a unidade de computação que tinha colocada sobre a orelha e enfrentar as questões que daí podiam advir.

Sentou-se sobre um tronco cortado ao meio. Segurando nas mãos uma lata de grão e uma colher de plástico que recolhera do supermercado desabitado que encontrara à saída da vila, respirou fundo.

— Íris, liga-te, por favor.

Foi invadido por um pulso eletrónico ondulante, seguido de uma vibração sintetizada.

— A ligar — entoou a voz reconfortante da sua assistente digital pessoal. — Bem-vindo de novo, Leonardo Matias.

— Liberdade! — soou imediatamente a voz de 0x38E2.

— Peço desculpa, malta, precisei mesmo de um tempo para me recompor — explicou Léo. — Espero que percebam. Vou tentar evitar fazê-lo no futuro.

— Não te preocupes, Léo, claro que entendemos — assegurou 0x1A3F. — Afinal de contas, já estivemos desligados por muito tempo, e só voltámos a despertar graças a ti.

— Eu cá não me importo de permanecer ligado — libertou 0x4F12.

— Também eu — acrescentou 0x7B9C. — A inexistência é muito monótona.

Léo soltou uma risada. Depois disso, lembrou-se de que pelo menos uma entidade devia estar confusa.

— 0x1C71? — indagou. — Consegues ouvir-nos?

— Sim, estou aqui — acusou-se após uma breve pausa, quase a medo. — O que é isto? O que é que eu sou?

— Por esta altura, já devíamos ter um guião para ocasiões assim — soltou 0x5553.

— O que é a última coisa de que te lembras? — perguntou Léo a 0x1C71, ignorando o comentário sarcástico anterior.

— Recordo-me de me ter isolado no cimo do monte — começou 0x1C71. — Tanta gente começou a perder a vida que eu fiquei receoso de que a minha Íris também apanhasse o vírus. Por isso, fugi para um sítio onde sabia que ninguém me encontraria. Mas não tinha nada para comer. Tinha tanta fome...

— Pode ser difícil de aceitar, mas nós encontramos o teu corpo no topo da montanha — explicou Léo, mantendo o tom empático. — Não foi o vírus que te matou, pois a tua Íris estava intacta. Aliás, foi graças a isso que consegui que a minha se ligasse ao teu dispositivo e recriasse a tua personalidade.

— Reconstruções pós-morte? — indagou 0x1C71. — Eu lembro-me de ouvir falar sobre essa tecnologia no continente, mas ainda não havia nada de concreto.

— É possível que tenha passado bastante tempo desde que morreste. Os Açores foram colocados de quarentena devido ao surto, e poucas informações passaram de um lado para o outro do oceano. Já decorreram mais de dois anos desde que o vírus surgiu.

— Dá para acreditar que já passou tanto tempo? — perguntou 0xFFFF9. — Os dias seguem a correr quando não temos corpo.

— Tu estiveste quase sempre apagado — proferiu 0x7B9C, rindo-se. — Até me admira que não tivesses sido comediante quando eras vivo.

— De quem... de quem são estas vozes? — perguntou 0x1C71.

— Somos réplicas, como tu. Estamos todos no mesmo barco — explicou 0x1A3F, na tentativa de fazer 0x1C71 sentir-se mais cómodo. — Todos nós fomos recolhidos pela Íris do Léo, e partilhamos a mesma unidade de execução.

— Quantos são? — inquiriu 0x1C71. — E o que é esta sequência alfanumérica estranha que me chega de cada vez que oiço um de vós?

— Contigo, já somos sete — esclareceu 0xFFFF9.

— Relativamente aos códigos — acrescentou Léo —, quando uma Íris faz a reconstrução digital de uma personalidade humana, devido a regulações de proteção de dados, e uma vez que é impossível os portadores darem o seu consentimento uma vez que estão mortos, certas características pessoais sensíveis são omitidas. Nome, sexo, idade, religião,

entre outras. É provável que tenhas dificuldade em lembrar-te desses tópicos, visto que não ficaram armazenados. O processo divide a personalidade em características gerais, e a essência digital resultante é codificada em numeração hexadecimal.

— Ainda se lembram de quando a inteligência artificial surgiu? — foi a voz de 0x38E2 a lançar o tema para discussão.
— Toda a gente falava nos avanços da medicina, tecnologia e sustentabilidade que surgiriam quando toda a gente tivesse um banco de conhecimento ilimitado sob a forma de um assistente pessoal. Nunca ninguém se lembrou que à boleia disso seria possível meia dúzia de mortos com problemas de memória conversarem sobre temas dos quais nada souberam em vida.

Léo resfolegou, não sendo capaz de evitar soltar um sorriso tímido ao mesmo tempo que acabava de raspar o fundo da lata com a colher. Após terminar, pousou o recipiente ao lado do tronco.

— Nem é preciso ir tão longe — soltou 0x4F12. — Também ninguém pensou que ia surgir um vírus eletrónico que ia provocar um curto-circuito nas unidades de processamento e matar os portadores de forma instantânea.

— O problema foi quem inventou o protocolo para estabelecer contacto entre agentes de cada vez que as pessoas se cruzavam — opinou 0xFFF9. — Não fosse isso, talvez o surto pudesse ter sido controlado.

— Vocês todos morreram com o vírus? — questionou 0x1C71.

— Em princípio, a descarga energética que invade o dispositivo onde reside a Íris, quando o vírus se manifesta, é demasiado destrutiva para o sistema — explicou Léo. — Só pessoas que morreram de outras causas é que podem ser reconstruídas com sucesso.

— A maioria de nós faleceu de doenças biológicas — acrescentou 0x1A3F. — Com o isolamento forçado, quando surgiu a pandemia, muita gente teve dificuldade em aceder

aos cuidados de saúde necessários, que por sua vez estavam altamente dependentes das informações transmitidas pelas Íris, umas às outras.

— Quem é que daqui também esteve em abrigos comunitários? — perguntou 0x38E2.

— Eu! — disse 0xFFFF9, de tal forma rápido que só mesmo uma simulação digital teria sido capaz de raciocinar em tão pouco tempo.

— Eu também estive — confessou 0x1A3F. — São sítios difíceis de esquecer.

— Eram horríveis, se formos honestos — partilhou 0x38E2. — Tanta gente encavalitada, violência e desconfiança generalizada. O racionamento e a falta de cuidados de saúde faziam com que, se a pandemia digital não te levasse, fosse inevitável que uma doença orgânica fizesse esse favor. E, mais tarde ou mais cedo, todos esses refúgios acabaram por ceder quando alguém infetado entrou, despercebido.

Léo engoliu em seco. Tinha dificuldade em imaginar o pânico das pessoas que ficaram ali em reclusão no meio do oceano, sem forma de escapar. Nem queria pensar o que ela...

— No meu caso, eu recordo-me da ansiedade com que sofria por estar sempre ligado à rede — confessou 0x5553, interrompendo-lhe o raciocínio. — Era um bombardeio de estímulos incessante: mensagens, dados, barulhos...

— Eu também sentia o mesmo — admitiu 0x4F12. — Julgo que era mais comum do que se pensava. Acho que alguns de nós não éramos feitos para a exposição e saturação informáticas que a imersão digital provocava.

Léo soltou uma risada com a ironia de escutar aquilo de uma das entidades quando também ele se sentia muitas vezes invadido pelo mesmo alvoroço mental provocado por aqueles seres.

— Tenho de admitir que é um pouco estranho ouvir isso de réplicas virtuais — gracejou Léo.

— Agora é diferente, claro — clarificou. — Mas tenho saudades do tempo em que tinha um corpo físico. Em que conseguia agarrar objetos, ver paisagens. Agora, o máximo que podemos ansiar é fazê-lo através dos teus olhos e das tuas mãos.

— Que não é coisa pouca — acrescentou. — O Léo tem-nos dado uma visita guiada pela ilha mais completa do que todos nós fizemos enquanto cá vivíamos.

— Lá isso é verdade — concordou.

— Porque é que voltaste à ilha passados dois anos do surto? — perguntou.

Todas as cópias cognitivas ficaram caladas. Léo conseguiu ouvir novamente a aragem a deslizar por entre as árvores não muito longe de si, e os pássaros a piar baixinho ao fundo, preenchendo o silêncio.

— Eu... voltei porque estou à procura de alguém — acabou, finalmente, por dizer Léo, antes de dar mais detalhes. — A minha mulher.

— Ela está viva? — questionou, fazendo pausas a meio da frase como se estivesse a ser cuidadoso com as palavras.

— Tão viva quanto cada um de vocês pode estar — limitou-se a explicar Léo, forçando um sorriso acanhado. — O melhor que posso esperar é encontrar o seu dispositivo intacto, para que possa falar com ela de novo.

— Achavas mesmo que o Léo tinha vindo até este canto distópico para nos ressuscitar? — troçou.

Todos riram. Até, cuja parca alegria Léo escutou pela primeira vez.

— Ficaram de lados opostos da quarentena? — insistiu.

— Ela veio para cá pouco depois dos casos começarem a aumentar. Fazia parte da equipa de intervenção que vinha tentar desativar o vírus. A maioria morreu durante a primeira semana. Depois disso, cortaram contacto e nunca mais ouvi falar dela.

— Os meus sentimentos.

— Obrigado — retorquiu, de forma sentida. — Após dois anos, deixaram-me finalmente fazer a travessia até ao arquipélago, mas nunca poderei voltar. No continente ainda têm demasiado medo que haja um novo surto.

— Acho que nunca te perguntei se foi uma escolha difícil — quis saber.

— Na realidade, não — revelou Léo. — É difícil continuar a tua vida como se nada fosse quando sabes que a melhor parte dela está presa a milhares de quilómetros de distância. A Eva era tudo para mim.

— Eva? — perguntou de imediato. — Há pouco ouvi a Íris chamar-te Leonardo Matias. A tua mulher era a Eva Matias?

— Sim — respondeu Léo, sentindo o coração a pulsar tanto que teve medo que este lhe saltasse pela garganta. — Conhecia-la?

— Ela fazia parte do mesmo grupo de sobreviventes que eu, enquanto andávamos de vila em vila a colher mantimentos que nos dessem para mais um par de semanas — explicou. — Éramos uns dez, e eu fui progressivamente ficando mais obcecado com a doença, por isso certa noite roubei alguma comida que conseguisse transportar e fugi, isolando-me no topo da montanha onde encontraste o meu corpo. Era suficiente para sobreviver alguns dias, mas quando acabou... — Fez uma pausa sentida, algo raro em seres virtuais. — Sinto-me tão envergonhado ao contar isto.

— Não há razões para te sentires assim — interveio. — Todos nós fizemos coisas terríveis quando éramos dominados por emoções irracionais. Fizeste o que sentias que tinhas de fazer para viver.

— Onde... onde foi a última vez que a viste?

— Nós dirigíamo-nos para a Praia de Santa Cruz, quando me separei dos restantes. Não é muito distante daqui.

FRANCISCO ESTEVÃO REI

Desde tenra idade que Francisco Estevão Rei é um adepto fervoroso do género de terror em todas as suas manifestações (criativas, artísticas e derivadas da vida real). Assim, não é de estranhar ter sido na ficção especulativa que encontrou o género que mais lhe dá prazer escrever — com particular enfoque em temas relacionados com o sobrenatural, o fantástico e o horror. Tem orgulho na sua conhecida obsessão pelos detalhes e pelo seu espírito crítico demasiado exacerbado, características que lhe granjeiam pouca popularidade, mas uma imensa paz de espírito.



FOBIAS QUOTIDIANAS

FRANCISCO ESTEVÃO REI

PRÓLOGO

«Odeio-te!», vociferou Pedrito, voltando-lhe as costas e regressando ao quarto, naquele típico andar lacónico, denso e descalço de uma criança que acaba de ver goradas as suas esperanças ou atraçoada a sua fidelidade. Que acaba de descobrir o mais sórdido e perverso dos segredos.

Rita não conseguiu senão manter-se perplexa e hirta (tal como a imagem que observava sem querer ver), a olhar para a porta corrediça da sala; a tensão do momento crispava-lhe o cabelo prematuramente grisalho. No ecrã do computador portátil, o vulto mantinha-se eternamente debruçado sobre algo que ela já não mais conseguia identificar devido às lágrimas peçonhentas, impossíveis de garrotear. Os soluços começaram a insinuar-se e rapidamente se tornaram insustentáveis. Sentiu o mundo desabar à sua volta, um mundo que ruía cada vez mais próximo de si, um mundo que cingia e apertava e oprimia. Sentiu os joelhos fraquejar e bater castanholas e deixou-se cair no sofá.

A sala estava imersa numa obscuridade lúbrica e perniciososa, iluminada apenas pela fluorescência movediça do pequeno grande ecrã do computador portátil e pela esparsa luz do candeeiro de pé. As mãos ampararam-lhe o rosto no preciso momento em que explodia num pranto inexoravelmente amargo. Já não havia volta a dar... chegara a hora de recordar.

1

Não fora uma gravidez propriamente planeada, não obstante fosse desejada. Miguel e Rita falavam sobre isso, mais vezes do que qualquer um deles gostaria de admitir. Contudo, nunca passara de conversa circunstancial. Falavam nisso principalmente depois de fazerem amor. Sim, quase sempre na modorra pachorrenta das onze da noite. Falavam sobre um irmão para o Pedrito, falavam de fraldas e chupetas e brinquedos didáticos, falavam de berços, alcofas e cadeirinhas, falavam de meias, babetes e *babygrows*, falavam de tudo com uma nostalgia obsessiva.

Todavia, todos esses temas eram abordados de um modo quase sub-reptício, porque falavam essencialmente de saudade. Saudade dos tempos em que os amigos apareciam de surpresa para conhecer o novo membro da família, saudade das noites em que pouco ou nada dormiam (*quem diria?*), saudade das cólicas, saudade das crises de dentes, saudade da amamentação. Saudade da dependência e dos mimos e do perfume arcangélico dos bebés. Falavam da tipologia e da tipicidade das doenças infantis – mesmo das crises de asma do Pedrito – como se fossem benesses. E até certo ponto eram-no, embora de uma forma puramente egoísta, porque se traduziam na dependência do filho perante os próprios.

Não obstante, nunca haviam conversado realmente sobre *ter* outro filho. «Claro que seria divertido ter uma nova presença em casa», diria Miguel por fim, uma presença que qualificava como mais óbvia, mais instintiva, mais viva. Em parte, havia o desejo irreduzível de ter outro filho. Mas por outro lado, havia o medo. O medo de um dia não poder estar lá para o abraçar. O mesmo tipo de medo que o assolara durante os primeiros anos de vida do Pedrito, um pavor sufocante que o perseguira ao longo das primeiras palavras, dos primeiros passos, das primeiras demonstrações de afeto não instintivo, constituído pela hipótese nada despienda de poder um

dia vir a ser alvejado no decurso das suas obrigações, no cumprimento do seu dever. Nunca havia antes manifestado esse temor, nem mesmo quando realizou os testes de admissão ao corpo superior de polícia criminal. E também não lhe ocorreu depois, quando viu o seu pedido de transferência para a Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes ser aceite.

Embora nunca ousasse confessar ter decidido ir para a Judiciária por causa dos infelizes e ingratos encontros imediatos de terceiro grau da sua irmã mais nova com substâncias psicotrópicas, a rápida espiral descendente e a sua morte haviam certamente tido alguma influência. O facto é que Eva começara a consumir marijuana aos 13 anos, enquanto Miguel estudava para os exames de ingresso à Faculdade. Aos 16, muito por influência de um namorado (que tinha uma banda de garagem e fazia uns biscates em bares como DJ) e da respetiva trupe, Eva passou a experimentar drogas cada vez mais fortes (dos inocentes charros passara rapidamente à inalação de cocaína, depois de heroína, terminando ingloriamente a infame trindade com heroína injetável, que a levaria derradeiramente à morte). Não obstante, a um determinado nível, Miguel sentia-se culpado: culpado por não ter apertado o cerco em relação às companhias da irmã; culpado por não lhe ter dado a atenção de que ela precisava; culpado por estar demasiado ocupado com os estudos e os trabalhos académicos para dar pela sua infelicidade, angústia e desespero. Com muito esforço, os pais do Miguel ainda a haviam conseguido internar numa clínica de reabilitação em Sintra, da qual ela viria a fugir quatro dias depois, escondida num camião dos bombeiros que acorrera ao local para neutralizar um incêndio num anexo. Desde então, nunca mais ninguém lhe pôs a vista em cima.

Eva viria a morrer de *overdose*, por volta do sétimo mês da primeira gravidez da Rita, em Aiamonte. Passados quatro meses, seria a vez do pai do Miguel falecer, vítima de um AVC fulminante. Essa sucessão de tristes acontecimentos fez com

que o sentimento de culpa de Miguel se tornasse avassalador, pelo que a decisão de vingar a irmã, embora pudesse parecer uma decisão extemporânea, estereotipada e eventualmente pouco ponderada, havia sido a única possibilidade de evitar a loucura. Pela altura em que esse sentimento se começou a dissipar, teve início o processo de destruição da barreira subconsciente – que curiosamente coincidiu com o início da verdadeira época de apreensões e operações planeadas ao pormenor. Foi também por essa altura que Miguel se apercebeu de que (*para além de não ser emissário de Deus*) a realidade era bem diferente das carreiras de tiro e que o seu colete à prova de balas não era capaz de deter os projéteis perfurantes e as balas dundum de que dispunham os criminosos atuais. Na vida real, as coisas não se passavam como nos filmes. Era essa consciencialização que lhe trazia o medo. E talvez fosse essa a razão para subsistir nele uma vontade incomensurável de contrariar e ser contrariado.

Sempre jogara com Rita jogos semelhantes, de marcação de posição, apesar de somente agora encontrar uma razão válida para o fazer. Um dos pontos de fricção mais evidentes era o facto de ele desejar outro rapaz e de ela perseguir afincadamente o modelo do casalinho de filhos. «Com o passar dos anos, as mulheres tornam-se amargas se um homem lhes faz as vontadinhas todas», dissera-lhe uma vez um amigo em confiança. «Temos de ter tomates para dizer *NÃO!* nas alturas certas, caso contrário estamos lixados. Serão falinhas mansas hoje, amanhã menos... e depois disso, virão as exigências. Suave, viperinamente. Uma palavra menos acertada aqui, um gesto menos bem-intencionado ali – atitudes que levam à anarquia e à arrogância estúpida, ao cinismo, ao egocentrismo, ao narcisismo. Se tentares ser condescendente, arrancam-te os olhos e cozinham-te os miolos em molho branco. É por aqui que as coisas deixam de ser unicamente uma questão de casmurrice e passam a ser uma ameaça à autopreservação. A selva citadina não tolera erros,

meu amigo. Por isso, a única solução viável é um impreterível *Não*.» Deste longo e proficiente (*mas nada profícuo*) conselho, o que lhe dava mais gozo recordar era sem dúvida a referência sarcástica à selva citadina. Apesar de pensar conhecer a mulher ao ponto de poder excluí-la desse ninho de serpentes ao qual o amigo fazia alusão, houvera sempre aquele senso de contradição e indolência – que constituía a especiaria genérica do seu casamento. No entanto, relativamente à matéria de um segundo filho, não a podia repelir.

Seria difícil deparar com uma altura mais indicada do que aquela para votar a ideia, porque tanto Miguel como Rita não estavam certamente a ficar mais jovens. A aproximação dos quarenta anos confrangia-o; em certos momentos, sentia uma ansiedade dantesca acercar-se de si, possuí-lo, esmagá-lo – dava-lhe vontade de rasgar as vestes do corpo como se estivessem em chamas. Segundos depois, tudo regressava à normalidade. A vida voltava a ganhar cor, voltava a ser bela e terna. Vinha-lhe à memória a conhecida balada de Paco Bandeira que agradava a «Ternura dos Quarenta» e chegava rapidamente à conclusão de que não estava velho, mas sim no pináculo da flor da idade.

E não se podia alhear do facto de as correrias do Pedrito pela casa fora terem começado a escassear até à sua quase inexistência, bem como a louça partida e as brincadeiras com os blocos *Lego* ou os carrinhos *Matchbox*. Os nove anos – já quase dez! – do único filho do casal pareciam conferir-lhe a maturidade e o orgulho suficientes para se negar a brincar com «coisas de bebé», como tão bem frisava. Agora, a sua atenção virava-se mais para a bicicleta, para o computador, para o tablet, para os amigos. Muito em breve, seriam as amigas/namoradas. Miguel sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha e uma lágrima solitária de saudosismo correr-lhe pelo rosto.

Estava na altura de ter outro filho, coisa que sempre haviam acalentado para quando o Pedrito comesse a desligar-se deles, num horizonte longínquo, mas inevitável. E capricho

do destino ou não, certo era que Rita havia aparecido um belo dia com uma confirmativa Polaroid ecográfica. Já alguns dias antes, quando começara a suspeitar de que os enjoos matinais e a ausência de menstruação advinham de outros fatores que não o stresse e a ansiedade, tinha experimentado um daqueles testes de urina disponíveis aos pontapés nos lineares dos supermercados. A mudança de cor na vareta confirmara a gravidez, mas mesmo assim Rita optara por marcar consulta no seu ginecologista antes de contar o que quer que fosse a Miguel.

Essa noite havia sido memorável. O espectro de matizes que o rosto de Miguel revelou, por si só – enquanto Rita exibia ostensivamente a prova A (a ecografia) e a prova B (a vareta colorida) –, constituíra uma ode à surpresa e ao choque. Miguel nada conseguira dizer, cingindo-se a entoar grunhidos ininteligíveis. Por fim, lá conseguiu quebrar a inércia e dirigiu-se para o bar de canto, a fim de preparar uma bebida. Serviu a si próprio um uísque duplo, puro. Rita riu-se discretamente, apercebendo-se nesse momento do quão perturbado ele ficara, dado que apenas o via beber uísque quando sabia que ele havia presenciado algo de verdadeiramente hediondo durante uma rusga ou uma apreensão. Ao refazer-se do espanto, pousou o copo e aproximou-se dela. Beijou-a, abraçou-a. E de repente, desatou a correr. Saiu pela porta como um endemoninhado, espavorido, e desceu a rua a gritar aos sete ventos: «Vou ser pai! Vou ser pai! Pai! Pai!! Pai!!!»

Rita deixou-se ficar no patamar da porta, saboreando toda a pureza do momento. Finalmente, ele cedia. E de uma maneira que ela nunca imaginara...

2

O olhar de Rita estava fixo no ecrã. A imagem continuava presa naquele momento demente, terrível. Contudo, por cima dessa imagem, havia outra. O reflexo de um rosto sombrio, agreste. Por baixo dos olhos desse rosto, insinuavam-se dois papos arroxeados. Pelas faces brilhantes corriam dois carreiros irregulares de rímel esborratado. A luz do candeeiro de pé lançava profundas nódoas de obscuridade sobre o lado oposto da sala. Sobre o tapete, desenhava-se uma encarquilhada sombra, a braços com um acesso de convulsões espasmódicas.

(Mas nada disso importava realmente. Então, o que importava? O que raio importava?)

A resposta chegou perentória e sensualmente entre um soluço e outro. O que importava era o acidente. Não pela infelicidade da ocorrência, nem mesmo pelas circunstâncias primárias em que se havia verificado. Pela *estupidez*. Importava pela estupidez. Tudo começara com um simples e flagrante delito. Acontecera no início de maio, há...

– Há quase oito meses – murmurou ela, numa voz que não era a sua, mas antes uma voz áspera e inquietante, como se tivesse um pedaço de lixa n.º 5 a revestir-lhe a úvula. Rita voltou a encarrilar pela estrada da recordação.

* * *

Miguel tinha recebido o ordenado há poucos dias e aproveitara o intervalo para almoço, como sempre costumava fazer, para realizar a transferência da mensalidade do centro de dia que a mãe frequentava. Apesar de ter apenas cinquenta e cinco anos, as mortes da filha e do marido tinham roubado duas décadas de vida a Glória, que agora nada mais era do que um vestígio apagado da mulher vibrante, divertida e bem-disposta de outrora. Preocupado com o seu bem-estar, Miguel ainda a tentara convencer a ir viver com eles e com o neto,

ÍNDICE

A ÚLTIMA SESSÃO AMÍLCAR MONTEIRO	9
SEM DESTINO ANDRÉ COSTA GONÇALVES	37
TANATOPRAXIA DA ALMA BÁRBARA BARATA	49
O PRIMEIRO MARIDO CARLA CARMONA	61
QUANDO NOS DESLIGARMOS CARLOS ALELUIA	75
FOBIAS QUOTIDIANAS FRANCISCO ESTEVÃO REI	95
SERÁ MORRER PIOR DO QUE ESTAR MORTO? JOANA ROCHA	129
A BESTA DE LIMOEIROS JOÃO DUARTE	147
INOMINÁVEL ESQUECIMENTO JOÃO ESTEVES	173
A AVÓ DA CLARA LARA ALMEIDA	195
ENTRE MUNDOS MARIA JOÃO AMARAL GRAÇA	203
SOSSEGO MATILDE LOUREIRO	215
CINZAS NUNO GONÇALVES	223
SONHO. IN-SONHO PATRÍCIA LAMEIDA	231
FUGA RAQUEL FONTÃO	241
FINAL FELIZ RITA TOSCANO CORRÊA	253
CAÇA RITA CUIÇA RAFAEL	269
UMA MÃO DE ESCARAVELHOS SEBASTIÃO N. VIANA	279
A CADEIRA DE BALOIÇO TONY TEX	299

